

«TOCHA, UMA HISTÓRIA COM FUTURO»



Uma síntese do conteúdo

Bem guiada por Jorge Fragoso, prossegue a editora Palimage a sua odisseia de dar vida à colecção «Raiz do Tempo», em boa hora iniciada em 1997, que conta já com 33 volumes publicados, a privilegiar as monografias locais e a temática histórica em geral.

Tocha, uma História com Futuro – editado, mais uma vez, em colaboração com uma entidade local, neste caso, a Junta de Freguesia de Tocha, do concelho de Cantanhede – é o mais recente desses volumes. Da autoria de Margarida Sobral Neto (a directora, aliás, da colecção e docente da Faculdade de Letras de Coimbra), foi apresentado pelo Eng. Manuel Queiró, a 12 de Outubro p. p., precisamente na sede da Junta de Freguesia.

De 254 páginas e ISBN 978-989-703-065-9, 12 folhas em papel couché para as ilustrações a cores, o livro consta de quatro partes:

- a construção de um território e a organização de uma comunidade (p. 23-114);
- os séculos XIX e XX apresentam-se como «um tempo novo para a freguesia da Tocha» (p. 115-150);
- «um futuro em construção» a partir da década de 80 do século XX é a III parte (p. 151-161);
- «marcas de identidade, património, lugares de memória, tradição, modernidade» são os oportunos tópicos abordados na parte IV (p. 163-208).

A antecedê-las: a nota de abertura, da responsabilidade do presidente da Junta, Júlio de Oliveira, e o prefácio, da autoria de Fernanda Cravidão, numa abordagem geográfica do território gandarês. A complementá-las: as já referidas imagens, a conclusão (p. 203-208), o apêndice documental (seis documentos, entre os quais avultam os que dizem respeito ao culto e devoção a Nossa Senhora da Atocha); fontes, bibliografia e notas.

Os palheiros, a leprosaria

Tocha será para muitos a imagem dos palheiros, aquelas sábias construções de madeira plantadas sobre o areal, de tal maneira que temos dificuldade em perdoar a Raul Brandão por não os ter expressamente referido, privilegiando a vizinha Praia de Mira: no seu livro clássico, *Os Pescadores* (nº 269, Livros de Bolso de Publicações Europa-América, Algueirão, s/ d.), um dos capítulos (p. 65-76) é precisamente sobre os «Palheiros de Mira» e ao ambiente da Tocha não alude.

Aliás, Margarida Neto também dedica apenas duas páginas (168-169) aos palheiros e à arte xávega, não esquecendo, porém, a frase de Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano: os palheiros são, aqui, «um exemplo perfeito de construção palafítica». E não se esquece de os ilustrar através de quatro fotografias. No entanto, a Praia de Mira sempre logrou chamar mais a atenção, embora na Tocha idênticos costumes se praticassem; a actividade agrícola terá, contudo, assumido habitualmente a primazia.

Para outros, como a mim acontece, Tocha recorda-me de imediato o Hospital Rovisco Pais, que tive ocasião de visitar demoradamente no Verão de 1973, mui amavelmente acompanhado pelo médico de serviço, Dr. José Augusto da Mota Arnaut e pelo vice-administrador, Valentim José Pereira. Dessa visita elaborei ampla reportagem, que, submetida, a seu pedido, à ratificação da direcção, acabaria por só ser publicada após a Revolução de 25 de Abril, pois nunca me foi dada autorização para a publicar antes.¹

E ainda hoje recordo com emoção as conversas que pude travar com alguns leprosos e, de modo especial, o haver podido ter ao colo um bebé de leprosos que estava no Preventório, situado mais a sul, ligeiramente afastado da ‘colónia’, e que tinha à entrada assaz gracioso grupo escultórico que serviu de capa ao nº 3 (ano XI), de Julho/Setembro de 1972, da Revista Portuguesa da Doença de Hansen, *Rovisco Pais*, um número especial comemorativo das bodas de prata da instituição. E em apêndice a essa reportagem já pude referir a publicação da portaria de 3 de Julho de 1974, emanada da Secretaria de Estado da Saúde, visando, com a colaboração de todos, designadamente dos trabalhadores, promover a remodelação do hospital-colónia.

E o termo ‘colónia’ quadra-se bem com o que para ali se projectara e o que pude apreciar: uma existência em certa medida auto-suficiente, em que a exploração agro-pecuária e as oficinas satisfaziam as necessidades quotidianas fundamentais. Havia bairros residenciais, as famílias e respectivos filhos eram tidos em muita consideração.

A Doutora Margarida Neto dedica à «instalação do Hospital Rovisco Pais» as páginas 147-150, tendo chegado à conclusão de que «apesar dos reais benefícios» que trouxe, o empreendimento não foi «a alavanca necessária ao crescimento económico e demográfico da Tocha», ainda que – reconhece – «alguns progressos se verificaram, entretanto, no sector agro-pecuário» (p. 150). Nas suas instalações funciona na actualidade o Centro de Medicina de Reabilitação da Região Centro.

Uma «história com futuro»

Torna-se sempre difícil fazer opções quando nos propomos elaborar a monografia de uma povoação.

Privilegiamos a história em sentido estrito e seguimos cronologicamente os dados que a documentação nos fornece? Preferimos um enquadramento geográfico e destacamos a ocupação do solo, o regime de propriedade, a produção agro-pecuária? Damos mais atenção à demografia, às pessoas que, ao longo dos tempos, para ali foram ou ali sempre viveram, analisando como se deu a aculturação?

Margarida Neto, de formação mais de História Económica e Social, privilegiou, pois, esses aspectos produtivos e a demografia, sendo sugestivo, por exemplo, o título 4 da I parte: «A “criação vagarosa da terra” e a arquitectura das paisagens» (p. 74), que denuncia precisamente essa opção pela economia agrícola gandaresa, onde a tutela do Mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, acabaria por exercer basta influência até à extinção das Ordens Religiosas, o conhecido decreto de 30 de Maio de 1834, que tal

¹ Saiu no *Jornal da Costa do Sol* (Cascais), nº 535, 20-07-1974, p. 4, sob o título «A extraordinária obra do Hospital-Colónia Rovisco Pais», ilustrada.

vínculo veio romper. Um vínculo nem sempre bem aceite ao longo dos tempos, haja em vista os motins de 1778, relacionados com a percepção de impostos sobre as colheitas («a partilha»): a 27 de Agosto desse ano, o oficial da justiça viu a sua vara «calcada e queimada», «destruíram-lhe a coifa, o chicote, o tinteiro e o rol, e ainda o maltrataram quebrando-lhe um dedo da mão esquerda e fazendo-lhe nódoas e feridas», segundo a versão do corregedor (p. 101). E, como não podia deixar de ser, lá vem um documento epigráfico a atestar duradouramente o que era preciso recordar:

«Esta igreja he do Moesteiro de Sancta Cruz de Coimbra, a qual mandou fazer pera em ella serem curados os moradores desta sua quinta e de suas pertenças por serem fregueses do dito moesteiro e de sua capela de Sam João que he isenta com sua parochia e parochianos da jurisdiçam ordinária e metropolitana. Anno do Senhor MDXXXIII» – lê-se ainda hoje na placa sob cruzeiro inserida na parede da actual capela de Santo Amaro, matriz do Isento de S. João da Quintã (p. 35, fig. 2).

Interessou, de facto, à Autora a comunidade da Tocha «como o estudo de caso de uma povoação que se organiza e se desenvolve até 1834 em contexto senhorial» (p. 203) e calcorreou depois outros caminhos. Pretendeu – e conseguiu – encontrar «traços estruturadores» de uma identidade e facultar elementos susceptíveis de virem a ser aproveitados como «matéria de reflexão para a construção de políticas de desenvolvimento local» (*ibidem*). Daí que à obra se haja dado o sugestivo título «uma história com futuro»!

Curioso é verificar, a título de exemplo, que a vila da Tocha se organizou em torno de um culto, o de Nossa Senhora da Atocha, e de uma feira, insuficiente esta, porém, em si mesma, para determinar enraizamento duradouro das gentes, até porque as terras se apresentavam mais como «espaço de pastagem» (p. 204). Só a vinda do milho grosso das Américas viria a criar essas condições de fixação de que se havia mister. A batata e a produção leiteira ajudariam a completar o requerido para um dia-a-dia mais ‘aconchegado’.

Trata-se, pois, de um volume que se lê com agrado e onde há temas que poderão ser transversais a outros locais na mesma época. Estou a lembrar-me (para citar apenas um caso) da «questão dos baldios da Caniceira» e a actuação, nesse âmbito, da Junta de Colonização Interna (p. 144-146), sabendo nós como os baldios constituíram sempre motivo de... «questão» em muitos sítios! E há mesmo, na Tocha, significativo monumento «Aos Caniceiros, defensores do pinhal do Povo»!

José d’Encarnação

Publicado em *Cyberjornal*, edição de 6-11-2013:

http://www.cyberjornal.net/index.php?option=com_content&task=view&id=18997&Itemid=30.

Divulgado em *histport*, a 6-11-2013:

<http://ml.ci.uc.pt/mhonarchive/histport/msg07315.html>